

MULHERIO

ANO VII Nº 33 — OUT. 1987 — SÃO PAULO BRASIL CZ\$ 40,00

EXCLUSIVO

ADÉLIA PRADO

*analisa, revela e
desvela sua poesia*

pgs. 12 e 13

CONSTITUINTE:

**O que mudou
para as mulheres?**

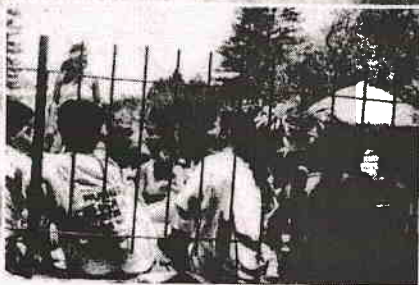
pgs. 10 e 11

**Estupro leva à fama.
Pelo menos, no Brasil**

pgs. 3 e 4

**Encontro Nacional
discute o
"Novo Feminismo"**

pgs. 8 e 9



PONTOS DE VENDA

DISTRITO FEDERAL

Delzeni Ribeiro: SDS Edifício Miguel Bardi, sala 402, fone (032) 226-0482, Brasília.

MINAS GERAIS

Espaço Cultural Livros e Artes: Rua São João, 357, fone (032) 211-2029, Juiz de Fora.

MATO GROSSO DO SUL

Regina Arakaki: Rua Rui Barbosa, 2.324, fone (067) 362-0642, Campo Grande.

PARÁ

Jane Beltrão: (081) 229-6336, Belém.

PARANÁ

Distribuidor: J. Ghignone Cia. Ltda. Av. Nova Iguaçu, 624, fone (041) 23-3262, Curitiba.

PERNAMBUCO

Wilmá Lessa: fone (081) 24-0685.

RIO DE JANEIRO

Dazibelo Livraria: Rua Visconde de Pirajá, 571-B, Travessa do Ovidor, 11 - Rio de Janeiro.

RIO GRANDE DO SUL

Distribuidor: Marco Amaral, Pça. Rui Barbosa, 39, sala 6, fone (0512) 26-9747, Porto Alegre.

Barca Vera Cruz: Praça da Afliandega.

LIVRARIAS

Graphis, Livraria Café: Rua Tomás Flores, 340.

Livraria CAEE/ufrrg: Av. Paulo Gama, s/n°.

Livraria Autores Nossos: Av. Erico Verissimo, Centro Municipal de Cultura.

Livraria Adeli Sati: Rua Gal. Vitorino, 140, sala 27.

Livraria Arcano 17: Av. Protázio Alves, 1.130.

Livraria Mercado Alberto: Rua Riachuelo, 1.291.

Livraria Mercado Alberto: Rua de Conceição, 205.

Livraria Palmirina: Rua Gal. Vitorino, 140, 1° andar.

Livraria Prosa e Verso: Rua Mostardeiro, 120, loja 4.

Livraria Terceiro Mundo: Rua Gal. Vitorino, 123, sala 21.

SANTA CATARINA

Ana Lúcia Gomes Medeiros: Cidade Universitária, caixa postal 8060, Florianópolis.

SÃO PAULO

Trans-entrega Maciel: R. Frei Santana Galvão, 26, Ponte Pequena.

Carla Berro Iassinatural: R. Martins Fontes, 268 apto. 302.

BANCAS

Na capital Mulherio é encontrado em todas as bancas onde se vende Jornal do Brasil.

LIVRARIAS

Belas Artes: Al. Lorena, 1.326, São Paulo.

Belas Artes: Av. Paulista, 2.448, São Paulo.

Brasiliense: Rua Oscar Freire, 561, São Paulo.

Livraria Brasiliense: Rua Augusta, 2.345, São Paulo.

Centro da Prosa: Rua Simão Álvares, 45, São Paulo.

Capitu: Rua Pinheiros, 339, São Paulo.

De Vila: Rua Fradique Coutinho, 1.140, São Paulo.

Livraria Favale: Av. Santo Amaro, 184, São Paulo.

Litteris: Rua Ignácio Peleira da Rocha, 264, São Paulo.

Litteris: Bar Avenida, Av. Pedreiro de Moraes, 1.033, São Paulo.

CAMPINAS

Maria Alice Paes: fone. (019) 43-3267.

TAUBATÉ

Aparecida Fátima da Silva Ferreira: R. Antero Ferreira da Silva, 28 - Vila São Geraldo.



Tortura de Agricultores

Na área de Bela Vista, Conceição do Araguaia, vivem e trabalham aproximadamente quatrocentas famílias de lavradores, há mais de sete anos. No dia 28 de abril de 1987 morreu um pistoleiro que dizia publicamente que estava contratado pela Bela Vista para matar oito posseiros e que contaria com o reforço de mais vinte pistoleiros para expulsar os lavradores da terra.

A partir deste momento, mais de quarenta PMs permaneceram na área, a pedido do fazendeiro Jurandir Gonçalves Siqueira e depois por ordem do Secretário de Segurança Pública, coronel Antônio Carlos da Silva. Toda a operação está sendo comandada pelo Major Gibson e executada pelo tenente Jânio Luiz Ferreira Viana, ambos de Conceição do Araguaia. Os lavradores vêm sendo aterrorizados pela polícia, pelo fazendeiro Jurandir e pelo gerente Bulhões.

A polícia vem tocando os posseiros nos caminhos das roças e no porto à beira do rio Araguaia. Assim foram presos e torturados na sede da fazenda Bela Vista os lavradores: Antônio Evangelista de Almeida, Francisco Aquino, um menino de 15 anos (ferido na cabeça com um golpe de revólver, pelo gerente da fazenda), Lu-

dugério (quando ia atravessar o rio juntamente com sua esposa para vacinar os filhos. Foi barbaramente espancado na presença da esposa), Alberto (23 anos, filho do posseiro Jovico Rodrigues da Luz), Dity Faria Leite e Antônio José Sabino. Depois de presos e espancados na sede da fazenda, foram trazidos para a cadeia pública de Conceição do Araguaia, onde foram novamente torturados. Os dois ficaram tão feridos que tiveram que ser hospitalizados.

Os posseiros, diante das prisões e das torturas, não estão podendo andar livremente pelas posses. Somente em casos graves, arriscam-se dirigir ao povoado mais próximo (Vila Pau D'Arco). No dia 29 de abril, a lavradora Joana Josué Soares, já sentindo as dores do parto, tentou atravessar o rio e foi impedida pela polícia. Teve a criança na beira do

Araguaia. Maria Gorete de Souza de 4 anos, filha de Maria Cordeiro de Souza, com um corte no pé, foi impedida pelos policiais de chegar à Vila Pau D'Arco para buscar tratamento e faleceu com tétano na noite de 9 de maio deste ano. No dia da Campanha Nacional de Vacinação contra a Paralisia Infantil, 23 de maio, todas as crianças desta região não puderam atravessar o rio e ficaram sem ser vacinadas. No dia 28 deste mês foram queimadas as casas dos posseiros Alfredo e Gregório, com todos os seus parentes.

Mesmo a prisão dos lavradores sendo ilegal, o juiz de Conceição do Araguaia, Eronides de Souza Primo, não atendeu o pedido para que fossem soltos e pudessem ser medicados em liberdade. Diante destes fatos, reivindicamos a retirada imediata da PM da área, apuração da responsabilidade penal de todas as autoridades envolvidas nas prisões e coações dos lavradores, imediata exoneração do coronel Antônio Carlos da Silva do cargo de Secretário do Estado de Segurança Pública do Pará.

Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Conceição do Araguaia.
Conceição do Araguaia, PA



Imigrantes na Áustria

Nossa organização existe há três anos e tem como objetivo o trabalho de organização e promoção das mulheres latino-americanas que, por problemas políticos, imigram de seus países para a Áustria, onde vivem há vários anos. Normalmente, as mulheres exiladas em países industrializados aumentam seu nível de marginalidade por problemas

culturais, idiomáticos etc. Do mesmo modo, o tipo de experiências traumáticas vividas as afastam de sua realidade circundante e aumentam seu isolamento. Nossa organização tem interesse em manter contato com grupos feministas e receber informações, revistas, publicações etc.

Maria Cristina Boidi
Lateinamerikanische Exilierte Frauen / 1120
Wien, Längenfeldgasse
Wien, Postfach 132

Recado da Leila

Recebi Mulherio nº 32 e estou divulgando-o no nosso Mil Notícias deste mês, aliás, como é de praxe. Em novembro, além da minha mini-série na Manchete Rainha da Vida, estrelada pela Florinda Bolkan, quero ver se lanço em SP meus três mais recentes livros: **Catálogo da Imprensa Alternativa**, publicado pela RioArte (do qual consta, obviamente, a publicação de vocês), **Do Poder ao poder - alternativas na poesia e no jornalismo a partir de 1980** (ed. Tchê, do Rio Grande do Sul, pesquisa literária) e meu livro de **Poemas Em perfeito mau estado**. Avisarei com antecedência do lançamento para ver se encontro alguma de vocês nesta oportunidade.

Leila Miccolis
Rio de Janeiro, RJ



Pesquisa publicada

Foi uma surpresa muito agradável abriremos o jornal Mulherio nº 32 e verificarmos nossa pesquisa publicada. Agradecemos a atenção que dispensaram ao nosso trabalho, assim como o apoio e incentivo que demonstraram publicando-o neste jornal tão bem conceituado. Aproveitamos a oportunidade para parabenizar a equipe pelos conteúdos que têm apresentado nas matérias, prestando valiosa contribuição às questões da mulher.

Miriam Fuckner
Paranáguá, SC



Troca de Garupa

Como não tenho o fôlego das belezas, posso agora contar com um antídoto contra o cansaço a defesa dos bichos causa, inevitavelmente. Esta carinhosa matéria publicada no Mulherio nº 31 me servi-

rã sempre como recurso renovável. Apenas um registro na troca de garupas no extenso desfile da bicharada: é o tamanduá-bandeira e não a anta que carrega o filhote no lombo, como atesta a gravura.

Angela Leite
São Paulo, SP



Conselho Editorial: Albertina de Oliveira Costa (Fundação Carlos Chagas, SP); Bela Feldman Bianco (Unicamp, SP/Southeastern Massachusetts University, USA); Emir Sader (USP); Fátima Jordão (pesquisadora, SP); Fúlvia Rosemberg (Fundação Carlos Chagas, SP); Heloisa Buarque de Holanda (UFRJ/Stantford University, USA); Lúcia Castello Branco (ensaísta, MG); Maria Lúcia de Barros Mott (historiadora, SP); Maria Augusta Rosa Rocha (Conselho Municipal da Mulher de Salvador, BA); Marlyse Meyer (Unicamp, SP); Miuzeer Benedicto (jornalista, SP).
Editora-responsável: Inês Castilho (MTB 17.504).
Editora: Santamarie Silveira (MTB 13.517).
Repórteres/Redatoras: Laurimar Coelho e Paula Mageste.
Secretária de Redação: Tania Cristina Vieira de Paulo.

Arte: Eliana Kestenbaum, Marco Inici, Projeto Gráfico: Jaime Prades; **Administração e Finanças:** Mônica Brundage; **Assistente:** Maria Tereza de Lima; **Distribuição e Divulgação:** Susane Beatriz Meza Honke; **Assinaturas e Expedição:** Helena Maria Moreira.
Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião do jornal. Reprodução total ou parcial de matérias, desde que citada a fonte.
Mulherio é publicado pelo Núcleo de Comunicações Mulherio, associação civil sem fins lucrativos, com apoio da Fundação Ford do Brasil. RJ: Redação e administração à Rua Cunha Gago, 704, Pinheiros, 05421, São Paulo, SP, Brasil, fone (011) 212-9052.
Composição, Fotolito e Impressão: Cia. Editora Jorúels, Rua Arthur Azevedo, 1977, telefones: 815-4999.
Tiragem desta edição: 12 mil exemplares.

Os estupradores que viraram heróis

Henrique, Fernando, Eduardo e Alexi, quatro jogadores do Grêmio acusados do estupro de uma menina de 13 anos na Suíça, foram transformados pela imprensa gaúcha em "heróis", graças a uma série de deturpações dos fatos e do culto ao machismo.

MIRIAN GROSSI E CARMEM RIAL

Uma pequena multidão de milhares torcedores, repórteres e fotógrafos tomava o saguão do aeroporto Salgado Filho, em Porto Alegre, às 18h do dia 29 de agosto, quando taxiava na pista o avião da Varig que trazia de Zurique os quatro jogadores gremistas presos na Suíça, acusados do estupro de uma menina de 13 anos. As bandeiras e camisetas do Grêmio e do Internacional curiosamente unidas e as crianças erguidas nos ombros de seus pais davam um clima de festa ao desembarque dos quatro jogadores: Henrique Etges, Fernando Castoldi, Eduardo Hamester e Alexi Stival, o Cuca. Atônitos e surpresos pela recepção, eles desculpavam-se e se diziam arrependidos pelo que tinham feito, visivelmente demonstrando não estarem compreendendo o que se passava. Só depois é que se deram conta que os gritos de "puta, puta" eram dirigidos à menina Sandra Pfäffli

e que a opinião pública gaúcha não estava ali para condená-los ou esperando desculpas: eles eram os heróis, tinham conseguido, imagine, provar à Suíça e ao Mundo que ainda existem machos, pelo menos no Rio Grande do Sul.

O tom nas entrevistas foi mudando, as perguntas habilmente dirigidas pelos repórteres ofereciam espaço para declarações sobre a solidão, as dificuldades de comunicação com o carcereiro e os outros detentos e contra a terrível comida servida nas prisões de Berna — onde faltava a totemica carne dos gaúchos. Enfim, pequenos detalhes que ajudavam a confirmar para o público o que os comentaristas esportivos já vinham dizendo há quase um mês. Do estupro, nenhuma palavra. Como heróis, os quatro firmaram um pacto de silêncio para evitar prejudicar um ou outro dos companheiros.

Alguns dias antes, tinham desembarcado neste mesmo aeroporto Valdo e Taffaral, os dois jogadores gaúchos titulares da seleção brasileira campeã nos jogos Pan-Americanos. Nenhum

torcedor os esperava. As medalhas de ouro que traziam nas mãos não comeram, pois eram simplesmente uma vitória no campo esportivo, já a dos quatro acusados de estupro sim, tinha valor: era uma vitória da honra gaúcha, da hombridade e, é claro, também da crônica esportiva que conseguiu em um mês transformar os quatro acusados de crime em vítimas de um "juiz nazista" e o estupro de uma menina de 13 anos por três dos jogadores em uma "travessura" inconseqüente.

Estupro, o souvenir

A "aventura" de Fernando, Henrique, Cuca e Eduardo começou às 15h do dia 30 de julho, quando a menina Sandra, acompanhada de seu namorado e de um amigo, bateu no quarto 204 do Hotel Metropole, em Berna, — onde se hospedava a delegação gremista — em busca de um souvenir do clube. O que aconteceu no quarto a própria Sandra contou logo depois à polícia suíça e ao Jornal Blick de Zurique: "...primeiro os quatro jogadores brasileiros expulsaram do apartamento os dois amigos que me acompanhavam e então os quatro avançaram sobre mim. Três me seguraram, enquanto o outro me violentava. Então veio um segundo brasileiro e me violentou também. Eu tenho medo de ficar grávida, eu não



Vibração da torcida no desembarque dos "heróis"

Pérolas da imprensa (machista) do RS

"Os jogadores do Grêmio não assimilaram a mudança do fuso horário. Levaram um choque de costumes... Agora é só torcer — no que acredito — que a Justiça suíça faça justiça. Isto é, que ela encare o fato como realmente foi: uma travessura irresponsável e de total imprevidência dos seus autores quanto à sua ilicitude e conseqüências".

Paulo Santana, Zero Hora, 8/8/87.

Não faltou sequer um teste de escolha múltipla: "Pense e responda: a) uma garota que está sendo estuprada não grita? b) se grita, ninguém ouve, mesmo estando num hotel? c) havendo violência, a vítima não reage a ponto de ferir-se?"

Wianey Carlet, Correio do Povo, 8/87.

E o que dizer quando o estupro passa a ser um "deslize sexual" menos grave que o justo? "Alguns pecaram mais que outros, se é que houve pecado... O fato ocorrido no hotel de Berna é normal em quase todas as excursões, fora ou dentro do país... Se os jogadores tivessem furtado, praticado desordem séria ou outra atitude demasiadamente desabonatória, eu aconselharia sua eliminação do clube. Mas um deslize de ordem sexual em que, visivelmente, colaborou para sua consumação uma conduta, no mínimo, quase conivente da chamada vítima, não deve servir de amparo a uma decisão drástica."

Paulo Santana, Zero Hora, 29/9/87.

Violência? Claro que não. "Ficou mais do que claro, pelo menos para mim, que não houve violência no ap. 204 do Hotel Metropole. Pode-se questionar, isto sim, o bom gosto dos envolvidos... Mas cores e sabores não se discute, resta dar as boas-vindas aos nossos doces devassos".

Wianey Carlet, Correio do Povo, 29/8/87.

Segundo a lógica machista, culpados são os que não estupram mulheres, as "bichas": "Na semana que vem chega o Internacional. Parece que estou vendo a cena no Aeroporto Salgado Filho: Terezinha Morango (torcedora-símbolo) e a torcida Fico em coro para os jogadores colorados: "bicha" "bicha", "bicha".

Paulo Santana, ZH, 20/8/87.



Na chegada, os jogadores admitiram a culpa

VIOLENCIA

como anticoncepcionais.

Tão logo a queixa foi registrada na delegacia de polícia de Berna, os policiais foram até o Hotel e prenderam Henrique e Eduardo e mais tarde Cuca e Fernando, os outros dois jogadores. Todos foram mantidos em celas individuais e em presídios diferentes à partir deste momento.

Os dirigentes do Clube tentaram abafar o que, à primeira vista, parecia um fato altamente negativo. Só dois dias depois, quando o Grêmio teve de disputar uma partida sem contar com os quatro reservas, é que a notícia chegou ao Brasil. A excursão prosseguiu até o final e, na volta, a delegação teve uma recepção de rotina com apenas três torcedores saudando os jogadores titulares. E, como a situação dos presos não melhorava, o Grêmio enviou ao Cantão da Berna um advogado do clube, Luis Carlos Silveira Martins, que se juntou aos dois advogados suíços que tratavam do caso.

A esta altura, o escândalo já ganhava espaço na imprensa. Sem nenhum jornalista gaúcho no local até o dia 15, a solução dos jornais, rádios e TVs para manter o intenso debate em torno do caso foi a especulação, a imaginação e a mentira. Logo surgiram atenuantes. O namorado da garota sona um rapaz "ciumento" que a teria obrigado a prestar queixa na delegacia, de comum acordo com o pai de Sandra, que por estar se separando da mulher, teria interesse em provar que a educação da menina estava sendo negligenciada. Falava-se ainda em "um complot internacional para prejudicar a imagem do clube gaúcho no Exterior".

Depois se especulou que só dois jogadores teriam violentado a menina, enquanto os outros dois davam cobertura no corredor. E também que Sandra, "menina de vida tão liberal", já teria transado com jogadores do Grêmio na excursão do ano passado, em Berna. No entanto, a versão do próprio advogado do Grêmio não abre espaço para qualquer atenuante: "... um dos jogadores manteve relação sexual completa, outro apenas sexo oral, enquanto um terceiro fez carícias e o quarto foi um 'voyeur' conivente: apenas olhou", declarou Silveira Martins no Zero Hora do dia 31 de agosto.

"Nossos Doces Devassos"

Se o Jornal Nacional da Rede Globo tratava do fato com alguma objetividade, a imprensa do Rio Grande do Sul,

liderada pelo cronista/torcedor Paulo Santana, começava a sua campanha em favor dos acusados, numa total distorção dos fatos. Primeiro tratou-se de alterar a idade de Sandra: como 13 anos soa muito violento, ela passou a ter "14 incompletos" e depois "14 anos". Como ainda assim teria sido difícil de se aceitar um estupro de uma menina por quatro jogadores, os cronistas trataram de ir esclarecendo aos leitores de Zero Hora e Correio do Povo, telespectadores e ouvintes da Rádio e TV Gaúcha que "meninas de 14 na Suíça já transam com os namorados e tomam pilulas" e "são verdadeiras mulheres capazes de seduzirem qualquer um".

Lauro Quadros, outro cronista de Zero Hora, principal jornal do Estado, dava explicações pedagógicas no Jornal do Almoço da RBS: "Eu sou pai, você que é mãe ou pai vai me entender: não é a mesma coisa um filho ou uma filha. Todo pai quer que o seu filho fature todas as meninas do bairro, quer que ele seja o garanhão da turma. Já com a filha é diferente. Não se deve culpar os rapazes do Grêmio por terem feito o que todo o pai gostaria de ver o seu filho fazer". De esturpadores, os jogadores foram se transformando em "homens normais" que reagiram como qualquer um teria reagido diante de um "mulherão, uma mocetona". "E um rosto de menina num corpo de mulher", explica outro cronista para justificar o "espanto" dos jogadores ao descobrirem a idade da vítima, já na

prisão. "Meu filho não é um homossexual", argumentava a mãe de Eduardo. "ele não é culpado de nada, a garota é que foi lá tirar a roupa na frente deles, que não são homossexuais e agiram como homens". Declaração aproveitada pelos "formadores da opinião pública", que chegaram a gozar os jogadores do time adversário dizendo que, de agora em diante, seriam chamados de "bichas".

Uma vez transformada em "ato de homem" a violência dos quatro sobre a menina, tratava-se agora de transformar os "travessos" rapazes em vítimas das leis suíças. E aí a crônica mostrou-se pródiga em asneiras. Chegaram ao ponto de comparar o processo de instrução suíço à Inquisição, de afirmar que o criminoso nazista Rudolf Hess receberia melhor tratamento em Spandau, e até que o líder comunista Luis Carlos Prestes teria tido prisão melhor durante os nove anos em que ficou incomunicável no Estado Novo. Enquanto isto o próprio advogado do Grêmio esbanjava elogios às prisões suíças, descrevia como "fauto banquete" as refeições servidas a um dos detentos e o fotógrafo de Zero Hora enviava fotos dos pequenos e confortáveis castelos que servem de prisão na Suíça. Não obstante, Paulo Santana sugeria a seus leitores que lessem o "clássico" Papillon para compreenderem o que estava acontecendo com os quatro e citava artigos da "Carta dos Direitos do Homem" para provar que os suíços contradiziam o acordo internacional.

As fotos publicadas de Sandra foram mais um estímulo à imaginação: "... quem achar que a Sandrinha é bagulho, que 'aíre a primeira pedra'".

Lauro Quadros, Zero Hora, 18/8/87.

"... a moça Sandra, que seduziu ou foi seduzida pelos jogadores do Grêmio... E que moça bonita a Sandra. Uma mocetona. Nem parece que tem só 13 anos. Uma mulher com aquela beleza sempre causa complicação. Até mesmo para quem casa com ela."

Lauro Quadros, Zero Hora, 31/8/87.

"... uma foto vale mais do que mil palavras, basta comparar a que mostra a esfuziante Sandrinha, na festa dos Young Boys, com a que revela a cara abatida dos jogadores saindo da prisão, para confirmar que, lei à parte, sofrimento moral só os quatro brasileiros tiveram."

Paulo Santana, ZH, 18/8/87.



"Meu filho não é homossexual" diz a mãe de Henrique

Como se tornar Amélia ou as receitas dos cronistas gaúchos à mulher de Cuca: "Esta é a hora de Rejane. Se, consideradas as circunstâncias, ela revelar sensibilidade e compreensão, é porque se trata de uma grande mulher. Já imaginaram o Cuca conseguir o que conseguiu, telefonar, e levar outra paulada na cabeça? Não, isto não vai acontecer."

Lauro Quadros, Zero Hora, 28/8/87.

"O Juiz suíço é o mais cruel de todos que já vi. Equipara-se a um ditador sanguinário. Pois além de manter Cuca incomunicável, a única brecha que abre para o presidiário é justamente a da tortura de explicar para sua esposa o que houve naquele apartamento de hotel... teremos que mandar para lá o Jair Krisck dos Direitos Humanos... O Cuca tinha uma única vantagem em estar incomunicável e atirado no catre da cela: não ter que explicar à mulher o acontecido com a garota".

Paulo Santana, Zero Hora, 23/8/87.

Miriam Grossi é antropóloga e doutoranda na Universidade de Paris, onde prepara a tese Discursos e representações de violência contra a mulher a partir do estudo de caso do SOS-Mulher de Porto Alegre. Carmen Rial é jornalista, antropóloga e professora na Universidade Federal de Santa Catarina, onde elabora a tese Espaço Doméstico na Lagoa da Conceição.



Waldemar Zaidler

MACHOS E PRENDAS

Toda a campanha pró-jogadores culminou na chegada dos "doces devassos", na expressão de Wianey Carlet, cronista do tradicional Correio do Povo, quando foram recebidos com flores por suas noivas e o que é pior, com um carinho "compreensivo" de muitas mulheres torcedoras que se encontravam no aeroporto. "É obvio que a menina foi lá se oferecer e depois se arrependeu. Na Europa é esta pouca vergonha, dizem até que é normal as meninas transarem com namorados na casa dos pais", comentava uma senhora com as amigas.

Os jogadores, visivelmente surpreendidos pela festa, ao invés da pena de vinte anos que poderiam pegar na Suíça, terão apenas que ressarcir o Grêmio dos 7 mil francos suíços (cerca de Cz\$ 300 mil) gastos com a viagem do advogado e suas fianças. Pois o clube, diante "da montanha de cartas e telegramas de todo Estado pedindo a não expulsão dos jogadores", acabou "perdoando" os quatro reservas. O caso terá prosseguimento na Justiça suíça mas, sabe-se, não haverá extradição mesmo que a culpa seja comprovada.

Uma semana depois da empolgante chegada, eles já estiveram em campo novamente, em Joinville (SC) - jogo que recebeu farta promoção pela presença dos quatro: promovidos de esturpadores a "meninos travessos", de "travessos" a "heróis", de "heróis" a atrações de marketing. O círculo se completa, reforçando um dos mais antigos estereótipos da "tradição gaúcha", na qual os homens são "machos" e as mulheres, se suas são "prendas", se de outros são "chinas".

BELLA ABZUG



Bella: "Mulheres e homens devem ser educados para votarem em candidatas"

Bella Abzug passou pelo Brasil despercebida para o grande público. Tanto quando esteve participando da I Jornada do Comitê das Nações Unidas no Brasil contra a Discriminação à Mulher, como na minisérie da Rede Globo *Minhas Vidas*, exibida em setembro. Mas não deixou de ser festejada pelas pessoas que a reconhecem como um dos grandes nomes do Feminismo. Dona de um currículo extenso (consultora especial do governo Carter, secretária do Woman USA Fund, advogada, deputada, escritora e conferencista), Bella ainda hoje mantém a mesma mania por chapéus e o mesmo discurso vigoroso, progressista e bem humorado dos anos iniciais da militância feminista: "Antigamente as mulheres só tinham um dia (8 de março), depois nos deram um ano (1975) e, na seqüência, uma década inteira (75-85). Agora, quem sabe, nos dão o tempo todo para controlar nossas vidas e melhorar o mundo".

A Grande Arma das Mulheres

SANTAMARIA SILVEIRA

MULHERIO — É possível traçar um paralelo entre o Feminismo do Primeiro Mundo e do Terceiro?

BELLA — Nós temos problemas semelhantes. Muitas das dificuldades vivenciadas pelas mulheres rurais, negras e pobres dos Estados Unidos são as mesmas das brasileiras. Mas as mulheres se unem independente das diferenças sociais e políticas, como ficou comprovado em Nairóbi durante o Fórum da Década da Mulher. A discriminação nos aproxima. As diferenças ficam a nível de infra-estrutura. No Primeiro Mundo, por exemplo, não temos de nos preocupar com água potável como no Terceiro.

MULHERIO — Quais são as grandes reivindicações da mulher americana no momento?

BELLA — Conservar a lei do aborto como direito constitucional, pois alguns juizes da Suprema Corte têm questionado isto; acabar com a desigualdade salarial, já que uma americana ainda recebe 62 centavos para cada dólar de um trabalhador homem que executa o mesmo serviço; aumentar o número de creches; conseguir a licença-gestante; horário flexível de trabalho e diminuição da violência.

MULHERIO — Qual a importância do Feminismo para o mundo de hoje?

BELLA — Ainda é despertar a consciência para os direitos iguais. O Feminismo se estrutura na conquista social, ao levar as mulheres a descobrirem seus direitos à educação, saúde, abor-

to, trabalho e política. Em suma, a real igualdade com os homens.

MULHERIO — Como a luta feminista deve ser encaminhada hoje?

BELLA — As mulheres precisam ter força econômica e política. Isto é fundamental. Até hoje nós obtivemos conquistas sociais pequenas, como entrar em redutos masculinos, mas só. Para obter mais força, a mulher tem de aprender a fazer militância política.

MULHERIO — Como deputada por três mandatos, que tática sugere?

BELLA — A primeira coisa que as mulheres precisam fazer é brigar por legenda. Elas devem fazer pressão nos partidos para saírem candidatas e se recusarem a trabalhar se não tiver candidata mulher na disputa eleitoral.

MULHERIO — E na hora da urna, o que fazer? Todo mundo sabe que mulher não vota em mulher.

BELLA — Por isso não adianta fazer política separada dos homens. É possível ter um programa comum, mas uma plataforma específica. Também é importante que a candidata participe de um processo educativo de suas eleitoras, falando muito das reivindicações feministas, para que as mulheres e os homens absorvam esse discurso. Afinal, os homens também precisam ser educados para votarem em candidatas.

MULHERIO — Você é favorável aos partidos só de mulheres?

BELLA — Bem mais tarde. No momento, a atuação tem de ser nos partidos já estruturados. Por outro lado, se

ocê é revolucionária, não precisa de um partido de mulheres para encaminhar sua luta. É o meu caso e de muitas outras mulheres filiadas ao Partido Democrata.

MULHERIO — Nos Estados Unidos, o Feminismo institucional tem o respaldo dos movimentos independentes?

BELLA — O modelo dos Estados Unidos é bem diferente do brasileiro. Lá não temos uma organização como o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher. A nossa Comissão da Mulher não possui a mesma abrangência. No geral, a força do movimento está mesmo na militância independente.

MULHERIO — Como serão as próximas eleições nos Estados Unidos?

BELLA — A tendência é conservadora. Sai um Reagan, vem outro. Mas quero acreditar que os americanos estão loucos para eleger uma presidenta. Talvez a deputada do Colorado, Patricia Schroeder, provável candidata do Partido Democrata. As mulheres, não só lá, como aqui, e em todo mundo, devem partir para uma ação mais agressiva. De nada adianta disputarmos a vice-presidência como fizemos tantas vezes, como fez Geraldine Ferraro na dobradinha com Mondale nas últimas eleições presidenciais americanas; nós temos de disputar a cabeça das chapas, na tentativa de conseguir um lugar na mesa de decisões.

MULHERIO — Os Movimentos Populares podem ser o grande aliado das mulheres?

BELLA — Sim, pois o Feminismo traz

uma visão nova para a política. Não queremos manter o poder a todo custo, até acima dos interesses humanos. A nossa posição é muito confortável na medida em que não participamos do poder com os homens e podemos criticar tudo que está errado. Nós queremos gastar o dinheiro não com armamentos, mas para melhorar a condição de vida das pessoas, com mais creches, hospitais, comida etc.

MULHERIO — Qual o tipo de candidata ideal?

BELLA — Não adianta apoiar uma candidata só porque é mulher. Devemos apoiar as mulheres que desejam mudar o mundo, mesmo que tenham prioridades diferentes, seja aborto, educação ou combate à violência. Na verdade, não somos melhores que os homens, porém, tivemos menos chances de errar que eles e nosso discurso tem eco junto aos menos favorecidos. Este é o momento de mudar os valores, não só para as mulheres, mas para toda sociedade.

MULHERIO — Que balanço você fará do Feminismo?

BELLA — Conquistamos poucas coisas. O número de mulheres no Legislativo e Executivo em todos os países ainda é pequeno, sendo que a **Convenção contra a Discriminação à Mulher** reúne o máximo de reivindicações que conseguimos transformar em lei e reflete o poder que temos. Mas mesmo ela não tem sanções contra as nações que a ratificaram, mas não cumprem. Por isso enfatizo que a conquista política e econômica é fundamental.